

## **ENGELS, MARX E CAROLINA DE JESUS NO QUARTO DE DESPEJO: uma breve reflexão teórica sobre produção do espaço geográfico**

Hellen Cristine da Silva **COSTA**

Mestranda pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU

E-mail: [geografia.hellen@gmail.com](mailto:geografia.hellen@gmail.com)

**RESUMO:** No presente artigo analisa-se como que a desigualdade de acesso entre as classes sociais está interligada ao processo de favelização nas cidades e como a filosofia da educação está, também, imbricada nesse percurso. Este estudo partiu do contexto apresentado pelo teórico Friedrich Engels em seu livro “A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra”, articulando-se com as ideias apresentadas pela escritora brasileira Carolina Maria de Jesus em seu livro “Quarto de Despejo: diário de uma favelada” e as ideias de Karl Marx sobre a função social da educação entre as classes. Metodologicamente, essa reflexão foi desenvolvida a partir da leitura dessas grandes obras e do resgate histórico sobre o processo de favelização no Brasil, pensando o dinamismo segregacionista do espaço geográfico como um instrumento de precarização da educação. A partir destes, procurou-se identificar nas convicções dos autores fragmentos que explicitam o movimento histórico e permanente de transição dos trabalhadores do campo para a cidade, e da cidade para uma “não cidade”. Entende-se que compreender esses cursos é de suma importância para identificar as estruturas desiguais que compõem a organização das sociedades e como tais fatores influenciam na dinâmica socioespacial, econômica, cultural e principalmente educacional da vida de inúmeros indivíduos. Através deste trabalho, constatou-se que o processo de favelização é algo complexo onde a expropriação dos meios de subsistências do trabalhador (principalmente o negro) parte do intenso progresso do capitalismo e suas arraigadas formas de alienação da educação.

**Palavras-chave:** Segregação; Favelas; Trabalhador; Alienação; Racismo.

## **ENGELS, MARX AND CAROLINA DE JESUS IN THE DUMPING ROOM: A Brief Theoretical Reflection on Geographic Space Production**

**ABSTRACT:** This article analyzes how inequality of access between social classes is intertwined with the slum process in cities and how the philosophy of education is also intertwined in this path. This study departed from the context presented by theorist Friedrich Engels in his book "The Situation of the Working Class in England", articulating with the ideas presented by the Brazilian writer Carolina Maria de Jesus in her book "Room of Eviction: diary of a slum". and Karl Marx's ideas about the social function of education between classes. Methodologically, this reflection was developed from the reading of these great works and the historical rescue about the slum process in Brazil, thinking of the segregationist dynamism of the geographical space as an instrument of precarious education. From these, we tried to identify in the authors' convictions fragments that explain the historical and permanent movement of transition of workers from the countryside to the city, and from the city to a "non-city". Understanding these courses is of paramount importance to identify the unequal structures that make up the organization of societies and how these factors influence the socio-spatial, economic, cultural and especially educational dynamics of the lives of countless individuals. Through this work, it was found that the slum process is something complex where the expropriation of the workers' means of subsistence (mainly the black) starts from the intense progress of capitalism and its ingrained forms of alienation from education.

**Keywords:** Segregation; Shanty towns; Worker; Alienation; Racism.

## **ENGELS, MARX Y CAROLINA DE JESÚS EN LA SALA DE VOLCADO: Una breve reflexión teórica sobre laproducción espacial geográfica**

**RESUMEN:** Este artículo analizacómoladesigualdad de acceso entre lasclasesociales se entrelazaconelproceso de losbarriosmarginalesenlasciudades y cómolafilosofía de laeducación también se entrelazaen este camino. Este estudio se apartódel contexto presentado por el teórico Friedrich Engels ensu libro "La situación de laclaseobreroen Inglaterra", articulando conlasideas presentadas por la escritora brasileña Carolina Maria de Jesus ensu libro "Habitación de desalojo: diario de unbarrio pobre". y lasideas de Karl Marx sobre lafunción social de laeducación entre clases. Metodológicamente, esta reflexión se desarrolló a partir de lalectura de estas grandes obras y elrescate histórico sobre elproceso de

los barrios marginales en Brasil, pensando en el dinamismo segregacionista de espacio geográfico como un instrumento de educación precaria. A partir de estos, tratamos de identificar en las convicciones de los autores fragmentos que explican el movimiento histórico y permanente de transición de los trabajadores del campo a la ciudad, y de la ciudad a una "no ciudad". Comprender estos cursos es de suma importancia para identificar las estructuras desiguales que conforman la organización de las sociedades y cómo estos factores influyen en la dinámica socioespacial, económica, cultural y especialmente educativa de las vidas de innumerables personas. A través de este trabajo, se descubrió que el proceso de los barrios marginales es algo complejo donde la expropiación de los medios de subsistencia de los trabajadores (principalmente los negros) comienza con el intenso progreso del capitalismo y sus formas arraigadas de alienación de la educación.

**Palabras clave:** segregación; Barrios marginales; Trabajador Alienación; Racismo

## INTRODUÇÃO

A reprodução de barreiras sociais decorrente de processos complexos de exclusão, discriminação, dificulta/impede o acesso de uma enorme parcela da população mundial a uma vida com o mínimo de qualidade. Analisar de forma congruente as estruturas espaciais que impactam as experiências desses sujeitos é uma maneira de contribuir para a Geografia e para a reflexão dos cidadãos pertencentes e/ou responsáveis por essas organizações.

Ao desvendar a dinâmica das relações capitalistas dentro do sistema, desvendamos também as mazelas da sociedade, dos seres humanos. Entender as formas como produzimos os espaços, faz com que entendamos também, concomitantemente, como se dão as relações de poder dentro dos mesmos.

Nesse sentido, este trabalho aponta alguns fatores que regula as relações sociais numa ideia de classes e como isso se manifesta em múltiplas espacialidades. Essas reflexões perpassam por um processo histórico onde se resgata alguns acontecimentos cruciais responsáveis pela dominação estratégica da produção do espaço geográfico. Posteriormente, enfatiza-se como a filosofia da educação está imbricada nesse debate.

Foram utilizadas na construção desse texto duas grandes obras para o embasamento do assunto. Em primeiro plano, apresenta-se o livro - "A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra", nas palavras de Engels, com lócus no segundo capítulo: "As grandes cidades". No momento em que tratou da situação da classe trabalhadora na Inglaterra nos anos 40 do século XX, Engels percebeu que "foi a indústria que fez com que o trabalhador, recém-liberto da

servidão, pudesse ser utilizado novamente como puro e simples instrumento, como coisa” (ENGELS, 2003, p. 89). Engels localizou o processo de produção social da pobreza e os seus efeitos na questão urbana e habitacional. Com o sistema capitalista de produção, a riqueza e a pobreza passam a ser reproduzida socialmente com a produção de mais-valor. O objetivo é explicitar a visão de Engels acerca da habitação, onde o mesmo descreve uma sociedade em que o cidadão assiste a ampliação da geração de riqueza e convive com o crescimento brutal da miséria “a ponto de ter de se deixar encerrarem cômodos que ninguém habitaria e que ele, dada a sua pobreza, é obrigado a manter em ruínas” (ENGELS, 2003, p. 89).

Em um segundo momento a obra - “Quarto de Despejo: diário de uma favelada”, nas palavras de Carolina Maria de Jesus, relata o cotidiano triste e cruel da vida na favela. A linguagem simples, mas contundente, comove o leitor pelo realismo e pelo olhar sensível na hora de contar o que viu, viveu e sentiu nos anos em que morou na comunidade do Canindé, em São Paulo, com três filhos. Nessa obra, escrita em forma de diário, a protagonista relata sua vida e o papel da educação e da escrita na desconstrução da condição de sujeito socialmente invisível. Trata-se de uma narrativa de denúncia às condições precárias da vida na favela e de expressão da luta de Carolina por reconhecimento como escritora em busca de superação da sua condição de sujeito socialmente invisível.

Carolina foi descoberta pelo jornalista Audálio Dantas em uma visita à favela de Canindé. O jornalista surpreendeu-se ao ler os cadernos e percebeu que seus escritos tinham muito a contar. Ela, então, tem seu diário publicado no formato de livro. Não é um simples diário, mas um relato de sua condição de catadora de papel, mulher, negra, mãe e invisível para a sociedade. O diário de Carolina é um instrumento de denúncia e poder, uma forma de se diferenciar dos demais favelados. Os relatos têm início em 1955 e fim em 1960, e trazem as transformações, decadências, descobertas e outros fatos vividos pela autora. Assim, a narrativa autobiográfica de Carolina nos conduz a uma reconstituição de sua vida. O intuito de fazer esse resgate literário é evidenciar as problematizações do texto no olhar de uma história real solidificada nas escritas da autora.

A reflexão da Geografia dentro desses arranjos se faz urgentemente necessária, não só para a sistematização dos conceitos e categorias, mas principalmente para identificar os sujeitos que participam como protagonistas ou não dessas conjunturas. Ao estudar as relações entre sociedade e natureza no espaço, devemos também estudar as relações dos homens entre si. De maneira geral, é correto dizer que há uma produção do espaço geográfico, ou seja, ele é resultante das atividades sociais nas esferas econômica, cultural, educacional e outras. Por

esse motivo, compreendê-lo é também uma forma de entender o próprio ser humano e a estrutura das relações da sociedade.

Existe um papel significativo nesse processo, onde identificamos o privilégio de uns sobre os outros, assim verificamos as contradições referentes à raça, classe e outros aspectos dentro dos territórios em diferentes escalas. Há em nosso país, Brasil, uma extrema concentração de riqueza, mais do que há em nações da Europa ou do Norte da América. Seis famílias brasileiras detêm a riqueza de cem milhões de brasileiros. Portanto, a maioria dos cidadãos são enxotados para as periferias e uma parte cai nas favelas, de onde são recrutados os trabalhadores(as) domésticos(as), os(as) operários(as) da construção civil, os(as) garis da limpeza pública, estes que contribuem para o bem-estar de todos e das elites.

Considera-se a filosofia da educação, diante desse emaranhado de implicações, um instrumento que remete ao cidadão um lugar onde a interpretação crítica, o permite agir de forma participativa e assertiva diante das desigualdades do mundo. A dimensão filosófica na educação é inquestionável. Afinal, o papel da filosofia da educação é instigar o pensamento reflexivo e crítico em relação aos problemas que a realidade vivida apresenta, a fim de encontrar soluções racionais e eficazes para tais questionamentos.

O objetivo desse ensaio é construir uma reflexão a cerca do processo de favelização, reconhecendo-o como resultado histórico da segregação dos trabalhadores e relacionando às consequências da alienação da educação. Entende-se que compreender esses cursos é de suma importância para identificar as estruturas que compõem a organização das sociedades nas cidades e como tais fatores influenciam na dinâmica socioespacial da vida de inúmeros indivíduos.

## **“A SITUAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA NA INGLATERRA”– POR FRIEDRICH ENGELS**

Publicada em 1845, a obra de Engels, foi uma voz de contestação aos impactos sociais, negligenciada esquecida, mas hoje é um marco na interpretação crítica do processo de desenvolvimento do capitalismo ocidental. A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra traz-nos um quadro das condições de vida e de trabalho daqueles que constituem um segmento da modernidade: o proletariado urbano. Escrito a partir da experiência do autor durante a sua estadia nas principais cidades industriais inglesas durante os anos de 1842 a 1844, o livro revela não somente o mundo urbano miserável e degradante produzido pela industrialização, mas também a trajetória de um intelectual em transição entre a concepção

conservadora e positiva do mundo e uma concepção histórica e revolucionária de transformação radical da sociedade capitalista.

A descrição das cidades industriais inglesas, na primeira parte do livro, mostra o cuidado com as peculiaridades do modo de habitação, alimentação e vestuário da classe trabalhadora nos grandes centros industriais como Manchester, Birmingham, Leeds, Liverpool, Preston, entre outras. A cidade de Manchester, por exemplo, Engels observa que “corresponde menos do que qualquer outra cidade a um plano preciso ou regulamento de polícia; a sua disposição, mais do que qualquer outra cidade, é fruto do acaso”. Em relação à habitação dos trabalhadores: “que sujeira! [diz o autor]. Por toda parte montes de escombros, de detritos e de imundícies; em vez de valetas, poços estagnados e um cheiro que, por si só, impediria qualquer homem, por pouco civilizado que fosse, de ali viver”. Ainda em Manchester, ele diz, “este é o espetáculo de toda margem do rio Irk; verdadeiro caos de casas amontoadas (...) cujo interior está em perfeita harmonia com a sujeira das redondezas”.

No livro o autor denomina as favelas de “bairros de má reputação”:

Todas as grandes cidades possuem um ou vários “bairros de má reputação” – onde se concentra a classe operária. É certo que é frequente a pobreza morar em vielas escondidas, muito perto dos palácios dos ricos, mas, em geral, designaram-lhe um lugar à parte, onde ao abrigo dos olhares das classes mais felizes, tem de se safar sozinha, melhor ou pior. Estes “bairros de má reputação” são organizados em toda a Inglaterra mais ou menos da mesma maneira, as piores casas na parte mais feia da cidade.” (ENGELS, 2003, p.56)

Em relação às condições de trabalho, várias passagens do livro mostram um cenário cruel e de extremada exploração desumana, definido por Engels como sendo a ordem burguesa.

Depois de caracterizar e demonstrar com riqueza de detalhes a miserável condição material da classe trabalhadora, tanto a urbana como a rural, Engels inicia o seu ataque final sobre a classe burguesa, apontando os aspectos imorais e desumanos de um sistema econômico e social onde tudo tende a transformar-se em mercadoria, em fetiche, em riqueza e miséria.

## **A FAVELIZAÇÃO NO MUNDO**

Visível tanto em economias subdesenvolvidas quanto em economias avançadas e também naquelas cujo processo de industrialização é considerado rápido, segundo Ávila e Filho (2008), a pobreza é um fenômeno generalizado e de caráter cada vez mais urbano. Amparadas pelas funções sociais do *WelfareState* (o termo serve basicamente para designar o Estado Assistencial que garante padrões mínimos de educação, saúde, habitação, renda e seguridade social a todos os cidadãos) ou de seus resquícios, a parcela da população excluída

dos circuitos capitalistas convencionais de emprego, produção e consumo, estão em parte em países desenvolvidos. Contudo, ainda segundo os autores, as transformações que tomam lugar em alguns países desenvolvidos, a partir da crise do fordismo e conseguinte a reestruturação industrial, vêm condescendo estruturas sociais que guardam certa similitude com as dos países subdesenvolvidos, ao formar uma massa populacional cuja exclusão, seja pela precarização ou falta do trabalho, tem assumido um traço notadamente estrutural, e não conjuntural.

De acordo Harvey (2007), o neoliberalismo e os programas de reestruturação (redução da intervenção governamental na economia, desregulamentação, privatização e enfraquecimento do estado de bem-estar social) estariam diretamente relacionados à recente onda de reconcentração de renda e riqueza e aumento da pobreza nos países subdesenvolvidos.

O Programa de Assentamentos Humanos da ONU (UN-HABITAT) em 2003 publicou o relatório *The Challenge of Slums: Global Report on Human Settlements*. O referido relatório apresentou um levantamento da situação das favelas no mundo. Levando em consideração uma nova concepção operacional de favelas, apresentou o surpreendente número de quase um bilhão de favelados em todo o mundo nos primeiros dez anos do novo milênio. O estudo examinou os diversos fatores envolvidos na formação de favelas e assentamentos informais, além de analisar as dinâmicas e estruturas sociais, econômicas e espaciais destes espaços marcados pela pobreza e pela exclusão.

De acordo com a publicação, as favelas são manifestações físicas e espaciais da pobreza urbana e da desigualdade intra-urbana, e a sua generalização nos países subdesenvolvidos deve-se ao processo de “urbanização da pobreza”, que é a cada vez maior concentração de pobres nos centros urbanos (UN-HABITAT, 2003). Mesmo não podendo afirmar que todos os pobres que moram na cidade habitam em favelas, são nesses locais que se encontram as condições habitacionais e ambientais mais degradantes e com uma enorme concentração de pobreza. O alto índice de crescimento urbano nos países subdesenvolvidos nas últimas décadas (estimulados por vários fatores) acarretou ao crescimento de novas formas de assentamentos informais e precários, sobrecarregando as autoridades municipais não preparadas e incapazes de atender no curto prazo às demandas dos novos moradores da cidade. Como nem o mercado nem o Estado conseguiram prover moradia para esta mão-de-obra excedente, o crescimento desordenado das favelas e das periferias se deu como consequência imediata. Além disso, houve uma expansão surpreendente do setor de serviços informais, na maioria das vezes única fonte de renda e sobrevivência para os pobres urbanos.

Apesar dos níveis de desemprego ser relativamente baixos nos períodos de maior aplicação do setor industrial, seria inevitável que o processo de urbanização em grande parte das economias latino-americanas se desse intimamente ligado ao inchamento das grandes cidades e ao crescimento das ocupações informais. O relatório do UN-HABITAT (2003) concluiu que a maioria dos favelados trabalha no setor informal (tanto dentro quanto fora das favelas), mas chama atenção para o fato de que seus bens produzidos e serviços prestados são fundamentais para o setor formal das economias urbanas e para o conforto e bem-estar das outras classes. Autores como Aníbal Pinto, ainda no início da década de 1970, já destacavam o inchamento do setor terciário urbano informal em diversos países latino-americanos, onde: O incremento da força de trabalho nos serviços, em vez de ser uma resultante da elevação da renda e a diversificação correspondente da procura, é fundamentalmente uma insuficiência do crescimento nas atividades básicas (PINTO, 1973).

Em seu livro, *Planeta favela*, Mike Davis (2006) destaca sua preocupação em relação à generalização das favelas. De modo geral, o autor se vale de um conjunto expressivo de dados e informações sobre os mais diversos países para provar sua ideia central: a “favelização” do mundo. Tendo como ponto de partida o relatório da UN-Habitat, Davis procura mostrar que, a despeito das diversas formas e expressões que podem ter, as favelas constituem o principal pólo de concentração da pobreza. O autor destaca, ainda, a existência de uma exploração imobiliária nos moldes mais perversos dentro das favelas, pois, as principais favelas africanas, por exemplo, organizam-se em torno de alguns poucos proprietários que colocam à “disposição” desta parcela empobrecida da população barracos sem nenhuma infraestrutura.

Embora as diferenças regionais sejam importantes e, em certa medida, contenham nas denominações locais (favela, slums, aglomerado subnormal, pueblos juvenes ou katchiobadi) as raízes dos processos sociais que as configuram, a verdade é que essa parcela da população torna-se mais expressiva diante da transição urbana.

### **“QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA” – POR CAROLINA MARIA DE JESUS**

*Alimentei, eduquei e amei meus três filhos.  
Catei papel, revirei lixo.  
Do papel também tirei meu alimento: a escrita.*

O relato de uma moradora da favela de Canindé - São Paulo, na década de 1950, contando seu próprio dia a dia e suas dificuldades de uma catadora de papel. Nascida em Minas Gerais no ano de 1914, apenas 26 anos depois da abolição da escravatura, Carolina



cotidianamente tem que tentar garantir sozinha o sustento de seus três filhos pequenos, numa jornada onde reúne tudo que encontra pela rua e pelos lixos e tenta revender (papel, cobre, madeira, lata etc.). As dificuldades são imensas, pois nem todo dia consegue o suficiente para comprar comida. Quando chega em casa, tem que lidar com a rotina da favela; eis o que menos gosta em sua vida: morar numa favela. São vizinhos que brigam, bebem, se prostituem, cometem incesto, morrem etc. Ainda assim, com todas essas dificuldades a leitura e a escrita fazem parte de sua rotina. Esse hábito ajuda Carolina a se transformar numa pessoa centrada, sonhadora e consciente de sua situação social. Ela tem acentuada consciência política e seus relatos são pontuados pelo peso da consciência de sua situação e pelo lirismo alcançado pela prática da leitura e da escrita. Apesar de ter tido apenas dois anos de estudo, Carolina sonhava em ser escritora e ter seus livros publicados.

Nas palavras de Carolina, a revolta:

Levantei. Obedeci a Vera Eunice. Fui buscar água. Fiz o Café. Avisei as crianças que não tinha pão. Que tomassem café simples e comesse carne com farinha. Eu estava indisposta, resolvi benzer-me. Abri a boca duas vezes, certifiquei-me que estava com mau olhado. A indisposição desapareceu sai e fui ao seu Miguel levar umas latas para vender. Tudo quanto eu encontro no lixo eu cato pra vender. Deu 13 cruzeiros. Fiquei pensando que precisava comprar pão, sabão e leite para a Vera Eunice. E os 13 cruzeiros não dava! Cheguei em casa, aliás no meu barracão, nervosa e exausta. Pensei vida atribulada que eu levo. Cato papel, lavo roupa para dois jovens, permaneço na rua o dia todo. E estou sempre em falta. A Vera não tem sapatos. E ela não gosta de descalça (JESUS, 1960, p. 13-14).

E é com palavras de aço que Carolina descreve a favela, os políticos, o povo. Bastante crítica, a autora vê a favela como o “quarto de despejo” da cidade (daí o título). Sua descrição causa até certo incômodo para um leitor do século XXI, uma vez que hoje, ao lado da pobreza e da violência, também se vê a favela com outros olhos, que incluem as expressões culturais da periferia, a defesa desse espaço pelos próprios moradores, a identidade periférica.

No livro a autora relata:

As oito da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla o barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo (JESUS, 1960, p. 35)

"Quarto de Despejo" é a voz da favela. É a fala da mulher, negra, pobre, sofrendo preconceitos e tentando se posicionar contra a estrutura viciada que a sociedade estava criando, sem submeter-se ao papel que dela se esperava. É a voz de uma pessoa real, passando por situações que apesar de terem sido registradas naquela época, ainda encontram eco nos dias atuais. Pois, apesar de reconhecer que nos últimos 15 anos houve uma melhoria nas condições de habitação no Brasil, a pesquisa Retrato das Desigualdades de Gênero e

Raça, divulgada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), aponta que ainda é perceptível a diferença entre negros e brancos, especialmente no que diz respeito aos domicílios localizados em assentamentos subnormais, ou seja, favelas e assemelhados. Nesse sentido, Santos (2013), aponta:

A reprodução de barreiras sociais, baseada em raças, torna o racismo, nesta perspectiva, um dos principais mecanismos produtores da brutal concentração de renda e de riquezas que caracteriza a sociedade brasileira, na medida em que ele consegue, através de complexos processos de discriminação e impedimentos a favorecimentos ao longo da trajetória dos indivíduos (no acesso à educação, no acesso ao emprego, etc), impedir e/ou dificultar o acesso de significativa camada da população a essas riquezas que o país produz. (SANTOS, 2013, p. 31)

A pobreza nunca foi somente questão de classe. Gênero e raça sempre a envolveram. Viver na miséria ou na pobreza é resultado de uma ordem econômica e social injusta.

De fato, Carolina Maria de Jesus é precursora da Literatura Periférica no sentido de que ela é a primeira autora brasileira a construir a tessitura de sua palavra a partir das experiências no espaço da favela. Isto é, sua narrativa traz o cotidiano periférico não somente como tema, mas como maneira de olhar a si e a cidade. Por isso, seu olhar tornar-se cada vez mais crítico diante do cenário de ilusões que São Paulo projetava com sua falsa imagem de lugar com oportunidades para todos, crença que a fez migrar de sua cidade natal na juventude.

A escrita era, para Carolina, uma forma de sentir-se menos invisível. Na verdade, foi graças à publicação de seu diário, saiu da invisibilidade na qual estava imersa como mulher negra e miserável. Seu texto é o relato de ‘dentro’ não apenas da sua invisibilidade, mas do apagamento vivenciado por todos que a cercavam na favela. Seus relatos mostram ainda que ser negra tornava tudo ainda mais difícil. Carolina relata a condição de desvantagem educacional, assim como social e econômica, vivida por ela e pelos sujeitos que a rodeiam. De fato, o descaso com a educação contribuiu para o avanço das desigualdades sociais no país, mantendo a escola alheia aos problemas sociais. Na obra, observamos que Carolina se apresenta contrária às suas condições sociais.

Alienada ou não, fica evidente que Carolina Maria de Jesus via o mundo e tecia suas próprias conclusões. Não se valia da opinião de ninguém, não criava subterfúgios. A realidade era dura e ela não fugia disso. Sua escrita continua inovadora e atual justamente por causa disso: é o relato fiel, sincero e cruel de uma realidade excludente e desigual (Figura 1).

Figura 1- Carolina na antiga favela de Canindé, São Paulo.



Fonte: Acervo internet (2019)

## **NO BRASIL**

O processo de favelização no Brasil foi estimulado por vários motivos: o término da Guerra dos Canudos, em 1897; a Industrialização e Urbanização, final do século XIX início do século XX; e também o neoliberalismo, a partir de 1970, mas dentre estas destacamos outra -a abolição da escravidão, em 1888. Pois, segundo a Síntese de indicadores sociais (SIS) (2013), a população negra representa 75,6% da população mais pobre brasileira e conseqüentemente, não possui o acesso à moradia de qualidade, o que faz com que esse segmento populacional continue ocupando esses espaços nos dias atuais.

Durante o período pós-escravidão, nas principais cidades do Brasil, como Rio de Janeiro e Fortaleza, as saídas encontradas pelos ex-escravizados e pelas pessoas de baixa renda foi a moradia em favelas, levantamentos de autoconstruções e a ocupação de espaços tidos como cortiços que, segundo Valladares (1998, p.07) eram “considerados [...] como o lócus da pobreza, espaço onde residiam trabalhadores e se concentravam, em grande número vadios e malandros, a chamada ‘classe perigosa’”. Esse discurso trazido por Valladares é fruto da classe burguesa dominante que possuía na classe trabalhadora uma imagem de

homogeneização, tanto econômica como espacial. Ele buscava diluir a ideia de identidade positiva da sociedade para com esses moradores e com suas residências.

No final do século XIX agravava-se a crise de moradia na cidade do Rio de Janeiro, a cidade estava absorvendo a mão-de-obra oriunda das decadentes lavouras de café do Vale do Paraíba e dos negros recém-libertos pela abolição. Não se pode, portanto, deixar de considerar a influência negra na formação das favelas, já que estes começaram a se aglomerar na conhecida Pedra do Sal, zona portuária da cidade, formando o que ficou sendo chamado de "pequena África" que, por sua vez, seria a gênese das favelas atuais. Os negros foram excluídos e expulsos da sociedade principalmente pela ausência de políticas públicas efetivas que permitissem a verdadeira inserção dessas pessoas no convívio social.

Os cortiços originaram-se a partir de grandes casarões que durante o Império, serviam de morada para pessoas ricas e abrigavam apenas uma família. Essas edificações, ao passar dos anos, não foram cuidadas e no final do século XIX passaram a ser ocupadas por dezenas de famílias que não possuíam outro lugar para morar, fazendo com que os cortiços se tornassem invisíveis para a paisagem urbana. É válido ressaltar que, por conta de terem sido construídos por famílias da classe alta, esses cortiços se localizam em bairros centrais das cidades. Eram nesses locais que a população que obtinha pagamentos irrisórios por sua mão de obra, encontrava taxas de aluguel que conseguiam pagar, uma vez que as habitações concentravam um grande número de pessoas, em um espaço muito reduzido, onde a infraestrutura das moradias era precária, como o acesso à água límpida, à coleta de lixo e a de esgoto.

Lembra-se aqui que no início do século XX o Brasil era uma recém República, e o Rio de Janeiro sua capital. Havia a intenção de modernizar a cidade nos moldes europeus para que, assim, ela fosse a representação da nova República. O prefeito Pereira Passos, imerso de um espírito modernizador, passou a demolir quarteirões inteiros de cortiços, desalojando os moradores para áreas periféricas da cidade ou “empurrando” para os morros centrais aqueles que necessitavam continuar morando na área central da cidade. Passos teria transformado definitivamente a Favela na moradia dos pobres e excluídos da cidade.

A Reforma Urbana Pereira Passos (Rio de Janeiro, século XX), para Abreu (2003, p.222) “representa o primeiro grande exemplo de intervenção direta, [...] do Estado sobre o espaço urbano carioca, intervenção essa que teve dois eixos básicos de sustentação: o controle da circulação e o controle urbanístico. A Reforma se baseava no tripé: “saneamento, abertura de ruas e embelezamento, e objetivou a atração de capitais estrangeiros para o país”,(PINHEIRO e JUNIOR,2006, p.04) o poder público com o intuito de resolver “dois

problemas” de uma vez só, expulsou os moradores desses cortiços, demolindo uma parte dos imóveis e no local abriu novas ruas que contribuíram na circulação interna e na diminuição nos custos do transporte de mercadorias do comércio, ou seja, beneficiou o crescimento do capital. Neste contexto de exclusão, a favela foi considerada e denominada pela imprensa como sendo a “aldeia do mal” ou “aldeia da morte, em que essa gente não tem deveres nem direitos em face da lei, a polícia não cogita a vigilância sobre ela”.

Percebemos, dessa maneira, que houve um deslocamento da chamada “questão da habitação popular” na virada do século, que deslocou sua órbita da forma da habitação (o cortiço, a vila operária) para o espaço da habitação, ou hábitat (o loteamento, o subúrbio, a periferia, e mesmo a favela” (ABREU, 2003, p.211). Passou a ser visto então, em diversas capitais brasileiras, uma “cidade legal versus uma cidade ilegal” (MARICATO, 2002) formando assim uma marcante segregação socioespacial que está vigente até os dias atuais. É nas periferias, nos morros, nas favelas que vivem os negros e pobres, com desemprego ou subempregos, com moradias sem condições de habitabilidade e com a prática dos serviços sociais praticamente inexistentes. A modernização da cidade se instala dentro deste contexto de mudança política e social, chegando não por acaso ou de forma natural, mas como consequência lógica do progresso contínuo.

No passado, o êxodo rural também contribuiu bastante para a urbanização do Brasil. No período 1950–1960, chegou a ser responsável por 17,4% do crescimento populacional das cidades, e foi muito importante nas duas décadas seguintes. Nas metrópoles brasileiras, a redução da capacidade de geração de emprego nos setores industriais a partir da crise da década de 1980 se consubstancia em um crescimento explosivo dos serviços urbanos. Dessa forma têm-se um considerável agravamento das contradições sociais já existentes, onde há o aumento do nível de desemprego, do emprego informal e o subemprego, tendendo a elevar os já consideráveis custos sociais do processo de crescimento das periferias urbanas no Brasil, somando às já precárias condições de sobrevivência de grande parte da população abrigada em favelas, entre eles o aumento da marginalidade e da violência.

## **A FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO E O PROCESSO DE FAVELIZAÇÃO**

Engels e Marx não escreveram textos específicos sobre o tema educação ou ensino. Para Marx a educação é um objeto de pesquisa que está inserida numa sociedade com luta de classes. Sua principal preocupação foi o estudo das relações socioeconômicas e políticas e seu desenvolvimento no processo histórico.

Conforme as ideias de Marx:

Toda luta de classes é uma luta política [...]. A burguesia mesma, portanto, fornece ao proletariado os elementos de sua própria educação, isto é, armas contra si mesma [...]. Com o progresso da indústria frações inteiras da classe dominante são lançadas no proletariado [...] também elas fornecem ao proletariado uma massa de elementos de educação (MARX, 1993, p.08)

Marx acreditava que a educação era parte da superestrutura de controle usada pelas classes dominantes. Por isso, ao aceitar as ideias passadas pela escola à classe dos trabalhadores cria uma falsa consciência, que a impede de perceber os interesses de sua classe. Desta forma, ele concebia uma educação socializada e igualitária a todos os cidadãos.

Existe uma falsa relação entre informação e educação. Educação é pensar para além do limite, para além de uma sociedade do capital, para além de uma sociedade das coisas. Educar é superar o estado de alienação global e isto exige uma revolução cultural radical, que vá às raízes do que nos aliena e neste curso da mercantilização a educação acompanha o trabalho.

Articulando as colocações de Marx e Engels, e analisando a natureza da divisão do trabalho ao processo de implantação do modo de produção capitalista, identifica-se uma divisão integrada entre as funções que os trabalhadores exercem e o conhecimento adquirido.

Estabelece uma divisão, igualmente radical, entre os tipos de atividade e os tipos de aprendizagem, prolongando-se em uma divisão social e técnica que interfere no desenvolvimento do indivíduo e constitui o ponto chave dessa trama em que se produz a exploração dos trabalhadores (MARX, 2011, p.09).

Considerando que a divisão do trabalho só origina-se, com efeito, a partir do momento em que se atua uma divisão entre o trabalho material e intelectual, entende-se que essa divisão implica em várias contradições, tanto dentro da divisão natural do trabalho na família, e simultaneamente a repartição do trabalho e dos seus produtos. Essa distribuição desigual tanto em quantidade como em qualidade dá nascimento à propriedade.

Reproduzindo as palavras de Adam Smith, repetidas por Marx em *O Capital* é possível compreender o que implica a divisão do trabalho na sociedade:

A compreensão da maior parte das pessoas se forma necessariamente através de suas ocupações ordinárias. Um homem que despende toda sua vida na execução de algumas operações simples... não tem oportunidade de exercitar sua inteligência... Geralmente ele se torna estúpido e ignorante quando se tornar uma criatura humana". Depois de descrever a imbecilidade do trabalhador parcial, prossegue Smith: "A uniformidade de sua vida estacionária corrompe naturalmente seu âmbito... Destrói mesmo a energia de seu corpo e torna-o incapaz de empregar suas forças com vigor e perseverança em qualquer outra tarefa que não seja aquela para que foi adestrado. Assim, sua habilidade em seu ofício particular parece adquirida com o sacrifício de suas virtudes intelectuais, sociais e guerreiras. E em toda sociedade desenvolvida e civilizada, esta é a condição a que ficam necessariamente reduzidos os pobres que trabalham (*thelabouringpoor*), isto é, a grande massa do povo (MARX, ENGELS 2011, p. 36 - apud MARX).

A partir desse contexto, compreende-se que a questão de classes está diretamente ligada ao processo de formação intelectual da sociedade. O acesso a educação está para a burguesia diferentemente de como está para o proletariado. Levando-se em consideração que

a burguesia é dona dos meios de produção, e que ela apropria também da força de trabalho, logo diretamente isso afeta a condição de como é disposto o conhecimento.

Diante disso, Marx expõe:

Portanto, quanto menor for o tempo de formação profissional exigido por um trabalho, menos será o custo de produção do operário e mais baixo será o preço de seu trabalho, de seu salário. Nos ramos industriais onde não se exige quase nenhuma aprendizagem e onde a simples existência material do operário é o bastante, o custo da produção deste se limita quase que unicamente às mercadorias indispensáveis à manutenção de sua vida, à conservação de sua capacidade de trabalho. Eis a razão por que o preço de seu trabalho será determinado pelo preço dos meios de subsistência necessários. (MARX, ENGELS 2011, p. 112 apud MARX)

Um dos objetivos da revolução prevista por Marx é recuperar em todos os homens o pleno desenvolvimento intelectual, físico e técnico. Combater a alienação era, para Marx, a função social da educação. Para isso seria necessário aprender competências que são indispensáveis para a compreensão do mundo físico e social. Ele valorizava a gratuidade da educação, mas não o atrelamento a políticas de Estado, o que valeria subordinar o ensino à religião. O mais importante, no entanto, seria ir contra a tendência “profissionalizante”, que levava as escolas industriais a ensinar apenas o estritamente necessário para o exercício de determinada função.

Quando o custo de produção da força de trabalho não dá possibilidade para o operário manter seus meios de sobrevivência e quando não há investimento na sua formação, consecutivamente esses fatores interferem em todas as estruturas da vida do indivíduo. A precariedade das condições de trabalho do operário reflete nos artigos de seu sustento e de sua família, fazendo-o migrar para outras condições desde esferas econômicas, territoriais, culturais e etc. Destacamos no contexto deste estudo, a migração do campo para a cidade e da cidade para as periferias/favelas. A favelização nesse curso pode ser entendida como ‘o processo de expulsão permanente dos trabalhadores dos seus meios de subsistências do campo para a cidade, e da cidade para uma “não cidade”, atrelado às condições de trabalho’.

A precariedade das condições de trabalho atreladas a alienação da educação distancia cada vez mais o processo emancipatório dos menos favorecidos dentro do progresso do sistema capitalista. Esse processo faz com que uma enorme parcela da sociedade esteja alocada em trabalhos subalternos e informais, aumentando assim a disparidade socioeconômica entre a burguesia e a classe trabalhadora.

Num aparelho social quanto mais aumenta as divisões das funções dos indivíduos, mais estreito é seu elo, pois estão diretamente interligados uns aos outros.

## **EDUCAÇÃO E A SOCIEDADE BRASILEIRA**

Nas primeiras décadas do século XIX, a propagação do ensino público era irrisória. No entanto, após a lei Saraiva, que estabelecia a restrição ao voto do analfabeto, houve significativa mudança no que se refere à educação popular voltada para a alfabetização da massa populacional brasileira.

De acordo com Vanilda Paiva (1973), no século XX, os altos índices de analfabetismo no Brasil “envergonhava” a elite, então chamada de “intelectualidade brasileira”. Portanto, o analfabetismo durante a República Velha e início da Segunda República, foi considerado como um dos principais problemas da nação. Assim, a educação, ou a ausência dela era responsabilizada pelas grandes dificuldades socioeconômicas em que estava inserida a sociedade brasileira, desse referido período histórico.

Desde o início do século XX, a educação escolarizada, foi apresentada para a sociedade brasileira como a principal estratégia para minimizar as mazelas sociais e solucionar os males que afligem a população. Nessa perspectiva, a escola seria a principal propulsora do “capital cultural” para os jovens, levando-os a modificarem suas condições de vida. Porém, sabemos que uma prática pedagógica sem associação do exercício dos direitos humanos dos indivíduos, faz com que ocorra sempre o risco de não alcançar os objetivos propostos pela educação escolar de uma formação humana emancipadora e libertadora.

Por esse e outros motivos, é necessário a discussão sobre a função da escola para que haja o entendimento de como essa instituição pode oportunizar autonomia para os sujeitos e também uma formação cidadã. A educação é na contemporaneidade um direito social e dever do Estado proporcioná-la, alçando o desenvolvimento da cidadania. Considera-se a educação um dos alicerces fundamentais para o processo de socialização dos indivíduos e interligação com a sociedade.

As discussões sobre a escola precisam de desmistificações. A concepção arraigada sobre o poder de intervenção da instituição escolar sobre as questões sociais é frágil, portanto é impossibilitada de corrigir as injustiças e obter equalização social. A escola encontra-se em um enredo social, onde a mesma não consegue se desprender das amarras reprodutoras e estratificadas que a sociedade a impõe. Sobre o papel da educação formal Ângela Paiva (2009) afirma:

A educação, como direito social, é dever do Estado e foi, portanto, pensada como condição diferenciadora nas sociedades que pretendiam lograr a expansão da cidadania com maior igualdade para a participação na esfera pública. Foi Durkheimer (1978) um dos primeiros sociólogos a conceituar o papel da educação, tanto moral, quanto a formal, para o processo de socialização dos indivíduos e sua integração à sociedade. (PAIVA; BURGOS, 2009, p. 21).



A escola na história da educação brasileira passou por inúmeras transformações que repercutiram significativamente para as mudanças socioculturais do país. O debate sobre a educação pública brasileira nos faz observar o quão distante é a realidade dos “sub cidadãos”, do ideário igualitário publicado pelo acesso universal à escola pública. Essa instituição em diferentes momentos serve de palanque para os discursos mais acalorados, em relação à cidadania e, em outros, é utilizada como palco para as “encenações” da segregação social.

Dessa maneira, entendemos que a escola necessita passar por um processo desmistificador e igualmente transformador onde as ideias ramificadas e conservadoras sejam desconstruídas. A instituição encontra-se em um emaranhado social. Segundo Pierre Bourdieu (2008), ela não consegue se desprender das amarras reprodutoras e estratificadas que a sociedade continua impondo-lhe. Para o referido autor, as desigualdades sociais que são condicionadas pela escola, nos fazem observar que ela ignora as diferenças socioculturais, selecionando e privilegiando os valores culturais das classes dominantes.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este estudo apresentou reflexões sobre diferentes temas, que apesar de serem expostos em tópicos espaçados, representam uma correlação entre si. A relação existente entre a questão de classes; a segregação na produção de espaços: favelização; e a filosofia da educação está arraigada numa estrutura excludente da sociedade brasileira.

O desenvolvimento da indústria implica em uma necessidade cada vez maior de mão de obra, uma população que necessita estar próximo da indústria, portanto, na cidade. Habitar a cidade implica na evidente necessidade de maior oferta de meios para a moradia, cuja necessidade quase nunca é suprida, nem parcialmente. Dentro da sociedade urbano-industrial, a cidade é uma clara amostra da maneira como esta sociedade produz e organiza sua produção e reprodução; o espaço urbano é a expressão dessa forma de organização social, sobremaneira invadida pelos atributos da economia política em sua produção e reprodução física. Cresce cada vez mais a demanda de terrenos no solo urbano, tanto para instalação de indústrias e casas comerciais quanto para a moradia das classes trabalhadoras.

O processo de formação dos grandes aglomerados urbanos provoca o aumento da concentração de pessoas em um único lugar. As reestruturações urbanas pelo capital não eliminam o problema, fazem apenas com que reapareça em outro lugar, por esse motivo considera-se uma expropriação permanente do trabalhador. O problema não está na pouca quantidade de casas, mas em sua distribuição. Não há políticas públicas articuladas de

habitação de uso e ocupação do solo urbano para amenizar esse problema na maioria das regiões metropolitanas.

Compreendemos a partir dos fatos históricos expostos no texto, que a transição dos trabalhadores do campo para a cidade em busca de melhores condições de vida, não permitiu que todos conseguissem se acomodar em condições favoráveis. Por conta da mão de obra excedente, o trabalhador é desvalorizado e conseqüentemente explorado. A informalidade torna-se cada vez mais comum nesses espaços. Quando o trabalhador não recebe um salário compatível com suas necessidades, e quando não existe possibilidade de investir na sua formação, sua sobrevivência torna-se cerceada e esses fatores interferem em todas as estruturas de sua vida. Decorrente desse processo e da precariedade das condições de trabalho, esses sujeitos se submetem a procura de moradia nas margens, ou nas favelas.

A partir da obra Engels, verificamos denúncias as condições de habitação às quais foram lançados os proletários, os produtores das riquezas industriais. O autor possibilitou evidenciar a exploração capitalista e os seus efeitos na questão da dos trabalhadores. Constatou a miséria habitacional do proletariado enquanto consequência da grande indústria, evidenciando a forma de produção de capital assentada no empobrecimento absoluto da classe trabalhadora. A industrialização impôs uma forma de construção urbana na qual o espaço reservado aos trabalhadores obedecia não às condições do desenvolvimento humano, mas à pertinência para a reprodução de capital.

Com esse movimento das sociedades, historicamente a relação trabalho e educação acompanhou a divisão social e técnica do trabalho. A educação deixou de ser estritamente intrínseca ao trabalho e passou a ser também a preparação para o trabalho. Logo, a educação deixou de ser pelo trabalho e passou a ser para o trabalho, reduzindo o trabalho ao emprego e o ser humano reduzido a algo insignificante. O trabalho deixou de ser condição básica e fundamental de toda a vida humana para se converter em lucro. Nessa perspectiva, novas demandas foram atribuídas à educação, a fim de adequá-la às mudanças dos novos modos de produção.

Com isso, a educação deixa de ser um instrumento na luta contra a opressão, e começa a ser usada pelas classes dominantes como arma ideológica da dominação burguesa. A educação voltada somente para o trabalho é algo concebido pelos donos dos meios de produção. Esses hegemonomizam a educação brasileira assegurando aos seus filhos e filhas manter seus privilégios.

No campo educacional brasileiro, em meados da década de 1950, o modelo econômico desenvolvimentista afetou diretamente a política educacional. A diversificação das atividades

econômicas criou oportunidades de novos empregos compatíveis com níveis de escolarização mais elevados. Na prática, o mercado exigia uma mão de obra qualificada, mas o acesso à educação no Brasil permaneceu restrito e elitizado. Há uma exigência de qualificação de mão de obra para o mercado de trabalho em ascensão, ao passo que a manutenção da exploração da mão de obra é um modo de acumulação do capital.

Diferentemente de outros escritores famosos, Carolina Maria de Jesus se torna símbolo de contradições de projeto de modernidade nacional, visto que seu texto traz a problemática na cultura do discurso literário. O livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada* é o que melhor representa a população pobre dentro de projetos de modernização no período em que foi escrito (segunda metade da década de 1950). Carolina se referia à favela como o quarto de despejo, onde se jogava aquilo que não se queria mais, que não possuía valor algum. O refúgio de Carolina é a escrita, é também o que a torna sujeito de si mesma.

A escrita funciona, para Carolina, como uma maneira de mudar de classe social, e assim acontece quando é publicado o seu segundo livro *Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada* em 1961. É por meio da escrita que Carolina dá significado à sua vida. Mesmo sendo vítima de preconceitos, ela relata com clareza as diferenças entre ser negra pobre e morar na favela. Relata as ofensas que sofria até mesmo das pessoas que viviam no mesmo lugar. Esse interesse pela escrita assenta-se no fato de a educação ser capaz de mediar as possibilidades de intervenção no mundo, em que os sujeitos saem da condição de observadores e se tornam sujeitos dessa realidade (SANTOS, 2012). É um movimento de “assumir-se como ser social e histórico como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar” (FREIRE, 1996, p. 41).

Concluindo, com base nas ideias de Marx, pode-se entender que educar é um desafio social. Assim sendo, esta prática pode tornar-se um instrumento mobilizador para com a situação atual em que vive a população. É preciso superar uma sociedade voltada à produção aos bens de consumo, que despreza a natureza humana e histórica. O ser humano precisa ser respeitado em sua totalidade, em suas potencialidades, modo de expressão e de pensar, ter o direito a uma educação igualitária baseada em princípios democráticos e não de escravidão.

**Trabalho enviado em setembro de 2019**

**Trabalho aceito em novembro de 2019**

## **REFERÊNCIAS**

ABREU, Maurício de Almeida. Da habitação ao hábitat: a questão da habitação popular no Rio de Janeiro e sua evolução. **Revista Rio de Janeiro**, n. 10, maio-ago. 2003. Disponível

em: <[http://www.forumrio.uerj.br/documentos/revista\\_10/10-MauricioAbreu.pdf](http://www.forumrio.uerj.br/documentos/revista_10/10-MauricioAbreu.pdf)> Acesso em: 16 de abril e 2019.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. In: NOGUEIRA, M. e CATANI, A. (orgs.). Petrópolis: Vozes, 2008.

DAVIS, Mike. **Planeta favela**. Tradução Beatriz Medina. São Paulo: Boitempo, 2006.

ENGELS, Friedrich. **A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Boitempo, 2003.

FILHO, João Bosco Moura Tonucci; ÁVILA, Jorge Luís. **Urbanização da pobreza e Regularização de favelas em Belo Horizonte**. Anais do XIII Seminário sobre a Economia Mineira. Universidade Federal de Minas Gerais. 2008, p. 1-21. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/6519726.pdf>> Acesso em: 27 de março de 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 31. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

HARVEY, David. **A Brief History of Neoliberalism**. New York: Oxford University Press, 2007

IBGE. **Aglomerados Subnormais no Censo 2010**. Rio de Janeiro 2011. Acesso em: <<https://ww2.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000006923512112011355415675088.pdf>> Acesso em 25 de abril de 2019.

IBGE. **Síntese de Indicadores Sociais: Uma análise das condições de vida da população brasileira**. Rio de Janeiro. 2013. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv66777.pdf>> Acesso em: 10 de abril de 2019.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Francisco Alves, 1960. Prefácio: DANTAS, Audálio. "Nossa irmã Carolina".

MARICATO, Ermínia. **As idéias fora do lugar e o lugar fora das idéias**. In: ARANTES, O.; VAINER, C.; MARICATO, E. A cidade do pensamento único: desmanchando consensos. Petrópolis: Vozes, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/urbe/v6n1/v6n1a10.pdf>> Acesso em: 16 de abril de 2019.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Textos sobre Educação e Ensino**. Campinas, SP: Navegando, 2011.

PAIVA, Vanilda. **Educação Popular e Educação dos Adultos: Contribuição à História da Educação Brasileira**. São Paulo: Loyola, 1973.

PINHEIRO, Manoel Carlos; JUNIOR, Renato Fialho. **Pereira Passos: vida e obra**. Coleção Estudos Cariocas. Agosto. Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos. 2006. Disponível

em:<[http://portalgeo.rio.rj.gov.br/estudoscarriocas/download/2376\\_Pereira%20Passos%20vida%20e%20obra.pdf](http://portalgeo.rio.rj.gov.br/estudoscarriocas/download/2376_Pereira%20Passos%20vida%20e%20obra.pdf)> Acesso em: 04 de abril de 2019.

PINTO, Aníbal. **Distribuição de Renda na América Latina e Desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

SANTOS, Renato Emerson dos. O ensino de Geografia do Brasil e as relações raciais: reflexões a partir da Lei 10.639. In: SANTOS, Renato Emerson dos. (org). **Diversidade, espaço e relações étnico-raciais: o negro na Geografia do Brasil**. Belo Horizonte, MG. 2013. p. 21-40.

SANTOS, S. C. M. dos. **Nas veredas por reconhecimento social: o papel da educação na desconstrução da inferioridade dos sujeitos do campo**. 2012. 264 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional, Cultura e Representações)–Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, RN. 2012.

UN-HABITAT . **The challenge of slums: global report on human settlements 2003**. London, Earthscan, 2003.

UN-HABITAT. **State of the world's cities 2006/7**. London, Earthscan, 2006.

UN-HABITAT. **The Challenge of Slums: Global Report on Human Settlements**. Londres, Earthscan, 2004.

VALLADARES, Lucia. **A gênese da favela carioca - A produção anterior às ciências sociais**. Revista Brasileira de Ciências Sociais. vol. 15. n. 44. 2000. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v15n44/4145.pdf>> Acesso em: 20 de abril de 2019.

**AGRADECIMENTOS:** O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001.